

Uma educação para uma nova sociedade : todos capazes, hoje, neste mundo.

Joëlle Cordesse, Porto Alegre, 21/01/03

O título de nosso debate é “ A educação para uma nova sociedade ”. Eu represento uma associação chamada “ Grupo francês de Educação Nova ”. Significa que se desejamos um outro mundo, precisamos de uma outra educação. Eu disse outra, eu não disse melhor. O problema não é a qualidade. É sim, a concepção de educação que deve ser diferente. Uma outra educação é uma educação que desenvolva outros valores, diferentes dos que temos hoje. Uma outra educação é uma educação que luta contra as idéias recebidas. Então, se uma outra educação vai transformar o mundo, como e quem, neste mundo atual, vai fazer isso ?

Será que podemos criar uma nova educação ideal para uma sociedade ideal ?

Será que já existem os saberes necessários para uma nova sociedade, mais solidária, mais igual, mais durável ? E eu gostaria de saber onde.

Por isso, como são, ou serão inventados os saberes necessários para a transformação da educação hoje ? Como transformar a educação e os modelos teóricos a partir dos velhos modelos ?

Se a educação deve transformar o mundo, como é possível uma nova educação hoje, neste mundo, na escola pública normal, por exemplo, na sociedade de hoje, competitiva e marcada pela exclusão. Como uma pessoa pode viver e criar uma prática pacífica num mundo da guerra, por exemplo ?

Os valores e teorias permitem transformar as práticas. Mas as práticas não são suficientes. O Grupo Francês de Educação Nova tem uma aposta filosófica : “ todos capazes ”. Graças a ela nos descobrimos no século vinte que saber deve ser construído e que nós temos necessidade uns dos outros na construção de nossos saberes. E a partir dessas questões inventamos novas ferramentas pedagógicas.

Mas como será que um professor pode acreditar que todos as crianças são capazes se nossa própria experiência nos ensinou o contrário, isto é, de que ele mesmo nunca seria capaz?

Do mesmo modo, se vou criar situações de escrita criativa para crianças, como posso fazer se eu mesmo não sei que eu já sou capaz de criar uma escrita poética ?

Se eu disse que todos são capazes de ler, escrever, falar e ouvir as línguas dos outros, como criar situações pedagógicas adequadas se não sei que já sou capaz de falar a língua dos outros ?

E a mesma coisa vale para conteúdos de ciências, matemática, língua portuguesa, história, geografia, educação física, arte-educação...

Como posso imaginar que as crianças são capazes de fazer filosofia se não sei que sou um filósofo, e como conscientizar que sou capaz de sê-lo.

A pessoa que não vive o milagre de sua própria transformação, da conscientização de suas próprias capacidades, não será capaz de operar a transformação de sua prática educativa, da sociedade, do mundo. Talvez ela possa criar situações novas, criativas, mas produzindo dependência dando apoio desnecessário, construindo uma pedagogia de muletas e andadores, como se o outro não pudesse pensar sozinho.

O educador mesmo precisa pensar sozinho.

A transformação da educação é a transformação da cultura educativa - do pensamento educativo de cada pessoa que diariamente faz a educação.

O GFEN há vinte ou trinta anos trabalha coletivamente. Seu objetivo não é produzir atividades para os alunos, mas sim, para nos mesmos, educadores, militantes da educação

nova, construindo situações de aprendizagem e de criação, na escrita da poesia, na construção do número, na lógica matemática, na arte, nas línguas, na história ...

Mas precisamos ter atenção : se é necessário viver o milagre da transformação, somente isto não é suficiente. É preciso também conceitualizar o processo de pensamento, de criação, para quotidianizar a cultura do possível.

A igualdade - e nós sabemos bem - é um valor constantemente ameaçado. Nossa experiência cotidiana tende a nos convencer de que a permanência de uma realidade substanciada na desigualdade entre os homens. A pedagogia é um campo de pensamento político fundamental. Essa prática, esse conceito se chama “auto-socio-construção do saber e da pessoa”. Ele carrega consigo o mérito de fundar concretamente a igualdade dos seres humanos no campo da invenção de uma outra visão coletiva do mundo.

Todos pesquisadores, todos criadores, todos pensadores, todos produtores dos saberes do futuro, no mesmo lado do saber (como Paulo Freire disse) no mesmo lado da produção do saber e do processo da transformação. Iguais, diferentes, solidários e cidadãos do saber. É muito trabalho para cada um, mas é o preço de nossa emancipação.